

A Ameaça Vermelha¹: O Perigo da Infiltração Comunista na América Latina

LILIAN MARTA GRISOLIO²

Resumo

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a América Latina inaugurou uma nova fase nas relações internacionais, tendo que se posicionar diante de um novo mundo bipolarizado. Os EUA tradicionalmente promoveram ações que resultavam na dependência da América Latina, como em 1823 com a Doutrina Monroe, em que o então presidente dos EUA, durante um discurso, proferiu a frase "*América para os americanos*". Diante de uma possível ameaça de guerra com o mundo comunista era preciso saber quem seriam os possíveis aliados. O Brasil, assim como o Chile, são vistos inequivocamente como aliados. Já o Paraguai não se alinhava, segundo a percepção da CIA, visto se comportar apenas como uma colônia da Argentina que naquele momento tinha um inimigo no governo, Juan Domingo Perón. Objetivamos nessa comunicação, analisar como o imperialismo dos EUA ocasionou a penetração da Guerra Fria na América Latina, sobretudo no Brasil, após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Anticomunismo; América Latina; Imprensa; Guerra Fria; O Cruzeiro.

Introdução

Hollywood sempre foi um dos pontos nodais para divulgação do *American way of life*, assim como para consolidar uma visão estereotipada do comunismo soviético. O filme Cortina de Ferro de 1948, por exemplo, é baseado numa história real, o noticiado caso de Igor Gouzenko, funcionário da Embaixada Soviética responsável por decodificar mensagens, que chegou ao Canadá em 1943 e, em 1945, ao sair da Embaixada, levou uma grande quantidade de documentos que revelavam um esquema

¹ Referência ao filme *The Red Menace*, Direção de R.G. Springsteen, 1949. É considerado um expressivo filme de propaganda anticomunista. No Brasil, em abril de 1950, ocorreram diversas manifestações contrárias em cinemas que exibiam este filme. A imprensa carioca divulgou as manifestações e informava os métodos utilizados: piche na tela, bombinhas fedidas e poltronas danificadas. Este não foi o único filme a provocar reações. A Cortina de Ferro e Traidor também foram alvos de protestos no Brasil. Cf. VALIM, 2006.

² Doutora em História, Professora Adjunto do Instituto de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão e do Programa de Mestrado em História da UFG/RC. É membro da Associação de Historiadores Latino Americanos e do Caribe (ADHILAC), limarta@uol.com.br

de espionagem, acarretando a prisão de diversas figuras importantes, inclusive de canadenses envolvidos no caso Gouzenko.³

Este filme é considerado um dos melhores exemplos do gênero, uma vez que sua narrativa explora cenas reais junto à ficção e elementos como, notícias de jornais, rádio e exibia documentos oficiais com a intenção de convencer o público da veracidade de sua narrativa. Além disso, possuía todos os elementos clássicos, contrapondo a honestidade e moralidade do mundo capitalista, representado pelo Canadá, e o mundo comunista como traiçoeiro e desleal. Chamou-nos especial atenção, a comparação inevitável a que o espectador é instigado a fazer, entre o estilo de vida nas casas americanas e o jeito sombrio do apartamento do casal comunista.

Os filmes anticomunistas exibidos no Brasil contribuíram sobremaneira para a divulgação desse ideário. Evidentemente que não de forma isolada, e sim, em sincronia com outras esferas que produziam com a mesma lógica. Estas produções definiam e reforçavam uma dada visão sobre “o outro”, representando-o como perverso e perigoso, e por isso mesmo passível de ser combatido.

Na metade da década de 1940, os filmes hollywoodianos passaram a ser produzidos em larga escala, refletindo o medo da ameaça externa produzido pela Guerra Fria. Terroristas, vilões, extraterrestres, espiões, zumbis se tornam personagens ameaçadoras ao *American Dream*⁴. De tal modo, os filmes acabam corroborando com as diretrizes governamentais de contenção do perigo vermelho. Essa postura, com toda sua complexidade, nos revela um esforço consistente e consciente para impedir o crescimento e combater o comunismo.

³ No site do *Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil*, chamado de Memórias Reveladas, foi disponibilizado arquivos da época da Ditadura Militar no Brasil, das décadas de 1960 e 1980. Lá encontramos um arquivo do Serviço Nacional de Informação (SNI), chamado de *Um Caso Concreto: O Caso Igor Gouzenko*, datado de 1966, que contém mais de 50 páginas. Na apresentação do documento revela-se o interesse no caso, aprender o funcionamento do processo de espionagem com um caso real: “*O presente documento é fruto de um minucioso estudo dos autos da investigação e do julgamento do rumoroso caso Gouzenko, acontecido no Canadá, em 1945. Conquanto ocorrido há mais de vinte anos, traz em si, por tratar-se de uma caso concreto, ensinamentos de grande interesse. Os documentos originais, publicados pelo governo canadense e aqui resumidos para difusão mais ampla, encontram-se na seção Comunismo Internacional da Agência do SNI, no Rio de Janeiro, edifício do Ministério da Fazenda, 13º andar*”. Neste site também estão disponíveis outros documentos sobre o caso. Disponível em: <<http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/Media/X9/BRANRIOX90TAI211.pdf>>.

⁴ Há algum tempo Hollywood passa por uma nova fase e produz filmes críticos à sociedade americana e seu estilo de vida. Existe uma extensa lista de filmes que buscam denunciar e analisar a hipocrisia da sociedade, a política, o racismo, a desigualdade social, o apego ao consumo demasiado, os valores deturpados, a infelicidade da população, o desemprego, entre outros temas. Como exemplo, citamos alguns mais significativos: *Beleza Americana; Clube da Luta; Crash; Boa Noite, Boa Sorte; Tempo de Violência, Amor sem escala, Tiros em Columbine, Gran Torino, A vida de David Galle, As confissões de Schimidt, O Senhor das Armas, Foi apenas um sonho*, entre outros.

Produzir um sistema de representações que simultaneamente traduzam e legitimem uma idéia, significa instalar também ‘guardiões’ do sistema que disponham de certa técnica de manejo das representações e símbolos. Como vimos, tanto nos EUA como no Brasil, diversos grupos tomaram para si a alcunha de sentinelas na prevenção e combate ao comunismo. (VALIM, 2006, p. 196)

Esta postura anticomunista no Brasil é encontrada em grande quantidade nos mais diferentes meios da sociedade. A Igreja Católica no Brasil tem uma atuação singular e profunda na disseminação do anticomunismo, sempre alardeando uma cruzada cívica e moral contra o comunismo. Apregoava uma aversão ao comunismo relacionando-o ao diabo, à devassidão e a imoralidade.

Outrossim, partidos políticos, associações, instituições, meios de comunicação sempre tiveram participação efetiva na divulgação de tais visões e, na década de 40, essa postura será exaltada pela Guerra Fria. O Serviço Social da Indústria (SESI) e a Universidade de São Paulo (USP) são responsáveis por um dos melhores exemplos desse tipo de atuação que comprova a crença na necessidade de combater o comunismo de forma mais eficaz no pós-guerra.

Entre junho e outubro de 1949, o Professor de Economia Política da Universidade de Colúmbia, Boris M. Stanfield, especialista em anticomunismo, proferiu dezenas de palestras em diversos estados brasileiros como Bahia, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, algumas de suas palestras foram transmitidas pela rádio Tupi e pela rádio Excelsior. A repercussão foi tanta que o professor teve um encontro com o Presidente Dutra e foi elogiado pelo consulado estadunidense (VALIM, 2006).

A Guerra Fria promoveu mudanças de dimensões estratosféricas no mundo, transformando instituições, normas e comportamentos. Atingiu todas as esferas sociais como a arte, a educação, a religião e a política com efeitos que podem ser sentidos até hoje. Deu novo significado à palavra medo, criou um novo vocabulário e inaugurou uma nova etapa nas relações internacionais. Segundo o historiador Willian E. Leuchtenburg (1976, p. 724):

A Guerra Fria e o papel da América como nação imperial afetaram o país de múltiplas maneiras. A economia foi estimulada e desvirtuada pelas despesas

com equipamentos bélicos e munições; as correntes políticas foram recanalizadas pela percepção de que os democratas eram o partido da guerra; o Senador McCarthy explorou as angústias da guerra fria a respeito da segurança nacional, o recrutamento em tempo de paz tornou-se uma característica aceita da vida americana.

No Brasil, a Guerra Fria pode ser sentida nas mais diferentes formas: no consumo de gírias e músicas estadunidenses, no penteado igual ao de Lana Turner⁵, na indução de uma escolha maniqueísta entre o bem, representado pelos Estados Unidos e o mal, representado pela URSS - ou ainda mais concretamente, nos embates políticos que resultaram na cassação do Partido Comunista ou no rompimento das relações diplomáticas com a URSS. Como escreveu Antonio Pedro Tota (2000, p. 153),

Felicidade, sucesso, charme, liberdade, inclusive sexual, em próprio sonho americano, parecem impossíveis sem esse verdadeiro objeto dos tempos modernos. A veiculação, pelo rádio, de estereótipos do estilo de vida americano ocorria desde a década anterior, mas os programas daquela época não se comparam, quantitativa e qualitativamente, aos produzidos nos anos 40.

Destarte, é com estranheza que constatamos o que consideramos uma falha de análise histórica em diversas obras que se dedicam ao tema anticomunismo. Apesar de ainda não existir uma vasta historiografia a esse respeito, é comum encontrarmos análises centradas no governo ditatorial de Getúlio Vargas ou durante o combate aos movimentos de esquerda na Ditadura Militar pós-1964. Um exemplo é a obra, aqui já mencionada, de Rodrigo Patto Sá Motta (2002, p. XXIV), "Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil". O autor anuncia na introdução:

Nosso objetivo é estudar o anticomunismo tanto no aspecto de constituição de representações – principalmente ideário, imaginário e iconografia – quanto das ações – estruturação de movimentos e organizações anticomunistas, perseguição aos comunistas e manipulação oportunista do anticomunismo.

Após abordar um panorama do anticomunismo (entre 1917, ano da Revolução Russa e 1935, ano da Intentona Comunista no Brasil), analisa as características

⁵ A atriz Lana Turner veio ao Brasil em 1946. Sua chegada e estadia aqui, bem como seu relato sobre a viagem foram amplamente divulgadas por *O Cruzeiro* em: Welcome Lana Turner. *O Cruzeiro*, 16 fev. 1946, p. 34-35; e Minha viagem ao Brasil. *O Cruzeiro*, 07 jul. 1946.

ideológicas das organizações, os movimentos anticomunistas e a produção iconográfica. No entanto, utilizou nos dois últimos capítulos, apenas as duas fases de colapso institucional da democracia no Brasil: o Estado Novo de 1937 e o Golpe Militar de 1964, em detrimento ao período mais significativo do combate ao comunismo, o início da Guerra Fria.

Sem demérito do trabalho que representa sem dúvida alguma o melhor levantamento de fontes a cerca do tema, a escolha do autor provoca uma leitura errônea do anticomunismo no Brasil, relacionando-o exclusivamente as reações anticomunistas aos golpes políticos mencionados. Essa escolha do autor acaba por gerar uma distorção histórica, ao deixar de lado um momento *sui generes* onde ocorre uma especial orquestração do anticomunismo no país. Apreendemos nessa pesquisa, o anticomunismo no seu sentido histórico, ou seja, pertencente a uma dada leitura da realidade. Sem isso, ou fixando a análise sem perceber seu processo histórico, este artigo deixaria de colaborar com a construção da história política e social do país, tornando-se assim, inútil.

A Revista *O Cruzeiro*, importante publicação do século XX, editada pelo conglomerado de Assis Chateaubriand dos Diários Associados, desde 1928 até a década de 70, fez parte desse universo anticomunista que, após o término da Segunda Guerra Mundial e intensificação da Guerra Fria, promoveu deliberadamente um combate exaustivo ao modelo do *Communist way of life*.

A revista *O Cruzeiro* se insere nesta perspectiva como protetora da ordem a partir das suas posições ideológicas e interesses políticos em jogo no cenário nacional. A revista apresentou-se durante toda sua existência como condutora de valores morais e normas de comportamento através de representações complexas que traduziam sua proposta de sociedade.

O anticomunismo: compaixão e acusação

A revista divulgava de forma contínua e diversificadamente em suas páginas o modelo de sociedade que acredita ser mais adequado. Esse funcionamento marca a contribuição na consolidação de uma hegemonia de um projeto político conservador. O *American way of life* era, então, representado num conjunto amplo de referências na

revista, estava na matéria sobre penteados; na moda feminina; assim como no estilo masculino; na elegância dos eventos no Jockey; nas festas promovidas pelo cassino da Quitandinha; nos anúncios de produtos industrializados como *Toddy*, *Lux* ou *Coca-Cola*; nos conselhos de comportamento e nas respostas dadas aos leitores na seção “Escreve o leitor”; nas matérias sobre festividades católicas e o mundo cristão; nos contos e romances publicados em capítulos; nas seções de humor; ou de forma mais direta e visível, nas reportagens e artigos sobre os acontecimentos do mundo e propostas políticas para o desenvolvimento do país.

Fica evidenciado em suas páginas a opção da revista assumindo o projeto de modernização do país através do modelo capitalista dos Estados Unidos.. Considerando isso, analisaremos neste artigo a consequência direta dessa escolha da publicação, a saber, o combate ao outro modelo possível de sociedade, o comunismo.

Ainda que o anticomunismo possa ser identificado num complexo jogo de interesses políticos e econômicos em jogo no cenário mundial após 1945, na revista ele aparecia, de fato, como consequência inevitável da opção defendida. Para reforçar a proximidade com o modelo estadunidense, era preciso atacar a outra proposta, o que ressaltava o distanciamento em relação ao comunismo.

Assim, o anticomunismo nas páginas de *O Cruzeiro* deriva do posicionamento da revista em consonância com as ideias de democracia, liberdade individual, direito à propriedade privada e liberalismo econômico veiculadas pela revista. Diversamente à divulgação do *American way of life*, que aparece em toda e qualquer parte da revista, diluída entre moda e propagandas, o ataque ao comunismo aparece de forma organizada e sistematizada: estavam nas colunas semanais, nas reportagens especiais de autores estrangeiros (jornalistas, políticos, professores, histórias autobiográficas), em matérias dos jornalistas da revista ou em histórias narradas em fascículos.

Os discursos são simplistas e, quase sempre, passionais. Sem elaboração teórica, não analisavam as ideias comunistas, não citavam nenhum teórico, e muito menos explicavam a função política dos comunistas e suas propostas de sociedade. As matérias limitavam-se a atacar, acusar e denunciar, no intuito de repelir, o comunismo e sua concepção de mundo.

Contudo, antes de analisarmos algumas dessas reportagens a fim de compreender o funcionamento desse mecanismo, é preciso que façamos uma rápida análise de dois pontos centrais para a interpretação, sem a qual podemos incorrer em anacronismo. Primeiro, a recepção das ideias de Marx no Brasil ocorreu sob determinadas condições tanto do cenário mundial como de especificidades nacionais. As contradições internas somadas aos interesses políticos da burguesia e ainda a deficiência da literatura marxista gerou um tipo de comunismo distorcido e de cunho predominantemente stalinista.

A teoria de Marx se esfumaça diante da realização prática de Lenin e este, por sua vez, mumificado no mausoléu da Praça Vermelha, passava ao segundo plano, em face da presença concreta de Stalin, o líder vivo. Era todo um sistema, cujos desdobramentos conferiam, no dia a dia, superpoderes aos representantes do estalinismo em cada situação determinada: Stalin, no Kremlin, estava longe, de modo que a autoridade revolucionária que o representava, o chefe local, o secretário-geral do PC, passava naturalmente a ser o portador da verdade revolucionária. (KONDER, 2009, p. 246)

No Brasil, o Partido Comunista Brasileiro deteve por muitas décadas o “monopólio da difusão do marxismo” (KONDER, 2009, p. 12), e isso constituiu a precariedade do comunismo no Brasil e seu distanciamento do marxismo de Marx.

Em segundo lugar, unindo-se a este contexto citado, a Guerra Fria produziu novos significados e um novo tipo de interpretação sobre o comunismo que, em face da nova posição assumida pela URSS no pós-guerra, precisava ser combatido austeramente. No Brasil pós-guerra, o anticomunismo unia os defensores da indústria nacional, os defensores da entrada do capital internacional, os grupos defensores das alas conservadoras agrárias, os integralistas, o tradicionalismo católico, os militares e outros. Os Estados Unidos, com a criação da política de contenção, forneceu um instrumental teórico de ataque e prevenção contra este comunismo limitado e distorcido.

Enfim, unindo essa peculiaridade da recepção do comunismo no Brasil, a fragilidade do movimento operário brasileiro e os novos elementos da Guerra Fria, podemos concluir que, em tais condições, foi relativamente fácil difundir a imagem do stalinismo como comunismo de fato. Por seu próprio caráter, foi relativamente simples demonizar a URSS, enquanto se falava dos sonhos, crenças, comportamentos e estilos do mundo capitalista.

Do amplo universo temático que *O Cruzeiro* produziu para combater o comunismo identificamos dois grupos de reportagens.

O primeiro identifica o mundo comunista como *triste, miserável, sofredor, devastado, infeliz, sujo, deprimente, desprovido de alimentos, amor e sonhos*. As reportagens são sensacionalistas, exploravam imagens de crianças e mulheres. Os textos eram melodramáticos e abusavam das narrativas de ex-integrantes do Partido ou pessoas que fugiram da URSS, normalmente retratadas como sobreviventes de guerra ou heróis. Designamos este conjunto de reportagens de *matérias de compaixão*.

O segundo grupo, designado como *matérias de acusação*, representava o mundo comunista como *perigoso, ameaçador, perverso, traiçoeiro, mentiroso, antidemocrático, cruel, feroz, sinistro, nefasto, imoral*. As matérias sempre ressaltavam as inúmeras dificuldades para se chegar aos fatos, exploravam os chamados casos reais. As denúncias e acusações davam o tom. Abusavam das terminologias pejorativas como "*infiltração*", "*Perigo Vermelho*", "*Tumor Vermelho*" e "*Cortina de Ferro*", bem como era grande a utilização da figura de Stalin. Vale ressaltar, que ambos os grupos, de *compaixão e acusação*, tinham o mesmo objetivo, criar uma visão negativa do comunismo.

As reportagens analisadas compõe o arcabouço documental sobre o anticomunismo e demonstraram que a revista acompanhava as mudanças no cenário político. Observamos que os anos de maior intensidade de artigos publicados com a temática, não por acaso, ocorreram a partir de 1947, ano já amplamente destacado como fundamental na compreensão da Guerra Fria.

Entre 1945 e 1946 verificamos a mudança na linha editorial da revista, na medida em que se afastava o Estado Novo, a situação política do país e do mundo com o fim da Segunda Guerra Mundial a política ganhava espaço. Os anos de 1947, 1948 e 1949 concentram quase a totalidade dos artigos selecionados sobre o anticomunismo. A intensidade e veemência dos artigos marcavam a pauta da revista e sua preocupação política em consonância direta com o cenário nacional e internacional. Já em 1950, constatamos o refluxo da temática anticomunista, não por completo, mas em grau significativo. A explicação reside na atenção quase absoluta que a revista destinou à

campanha sistemática contra a candidatura de Getúlio Vargas para a Presidência da República..

Dessa forma, averiguamos muitas reportagens com essa temática: *Vi a Rússia de perto*, *Joseph Stalin é assim*, *O Comunismo sem máscara* (série de reportagens em 4 capítulos), *A propaganda russa deve ser combatida*, *Espiões na Casa Branca*, *Os russos preparam a guerra total*, *Prisioneira em Moscou* (série de reportagens em 3 capítulos), *A Guerra Fria ataca os nervos*, *O Papa Pio XII ordena a guerra contra o comunismo*, *Vargas pretende reviver o Comunismo*. Para citar apenas algumas das matérias entre os anos de 1945 e 1950.

É preciso tecer algumas considerações sobre os títulos citados. Em 1947, o jornalista Drew Pearson, influente comentarista político estadunidense e anticomunista, passou a ter suas colunas publicadas em *O Cruzeiro*, o que explica em parte, o aumento substancial da temática. O jornalista era um exímio propagador da paranoia anticomunista. Sobejavam em suas colunas as denúncias sobre a infiltração de espiões, sobre as estratégias de Stalin para dominar o mundo e previsões alarmantes sobre o início da Terceira Guerra Mundial.

Também vale ressaltar a dificuldade de acompanhar as reportagens visto que a revista tinha uma opção editorial que dividia a matéria por inúmeras páginas fazendo o leitor percorrer toda a revista para acompanhar a matéria até seu fim. As reportagens publicadas em capítulos têm muitas vezes mudança de título no decorrer da publicação, o que dificulta acompanhar sua trajetória. Algumas reportagens diluídas ao longo das páginas da revista no sistema aleatório de páginas, simplesmente não tinha seu fim publicado. Uma matéria sobre Jorge Amado, por exemplo, aparece no sumário da revista, mas só foi publicada na semana seguinte. A grafia das palavras mudam de acordo com quem escreve, aparecendo nas mais diversas formas, como as palavras “Kremelin” e “Cominform”.

Uma prática amplamente utilizada era a aproximação entre Hitler e Stalin com o claro objetivo de combate ao comunismo crescente. O discurso recorrente era que ambos, comunismo e nazismo, eram sistemas de organização de sociedade que se constroem em oposição ao capitalismo, ao direito à propriedade privada e à liberdade individual, assim eram vistos como inimigos da democracia liberal. A aproximação

entre os dois ditadores em 1939, com a assinatura do Tratado de não agressão Germano-Soviético, oferecia munição para esta visão. Mesmo o combate da URSS contra a Alemanha na Segunda Guerra Mundial, ao lado da Inglaterra e Estados Unidos, era visto como um confronto pelos mesmos objetivos e alvos, o que não os diferenciava, mas sim demonstrava suas semelhanças.

Num estudo realizado em 1970 nos mais diversos documentos oficiais de políticos e intelectuais, os autores Les K. Adler e Thomas G. Paterson (1970) afirmaram que a aproximação entre Hitler e Stalin era uma ação consciente e articulada que causou uma transferência automática do ódio de Hitler para Stalin no pós-guerra. Segundo Valim (2006, p. 182), “[...] embora os autores façam menção aos EUA, pode-se afirmar que no Brasil o fenômeno desenvolveu-se de maneira semelhante”. O autor se refere ao chamado “anticomunismo de esquerda”, ou seja, o combate ao stalinismo por outras vertentes do comunismo, como os atuantes trotskistas no Brasil.

Porém, a revista *O Cruzeiro* atuou igualmente com esse intuito. Esse artifício pode ser encontrado nas comparações estabelecidas entre os ditadores em suas ações e personalidades como na matéria *Joseph Stalin, sua vida e obra*⁶, publicada em vários capítulos, que buscava apresentar o perfil nefasto de Stalin. Na abertura da matéria já se fazia uma alusão a Hitler quando se afirma: “Um homem mantém o mundo inteiro continuamente sobressaltado desde os dias de domínio de Hitler. Este homem é Joseph Stalin”.⁷ A partir daí apresenta-se a reportagem escrita por Emil Ludwig (1948), “brilhante biógrafo moderno de Stalin” e será publicada “simultaneamente no Brasil pela *O Cruzeiro* e outros órgãos da imprensa do mundo inteiro”.⁸ Stalin é descrito como “um homem sem nervos, ou melhor, incapaz de controlar seu sistema nervoso e com uma personalidade taciturna e impaciente”.⁹

Do mesmo modo existiam artigos que buscavam as aproximações entre os dois em acordos que revelariam suas semelhanças. É o caso do artigo *Hitler e Stalin negociaram a paz*,¹⁰ de Drew Pearson, em 27 de março de 1948. O jornalista remontava

⁶ LUDWING, E. Joseph Stalin, sua vida e sua obra I. *O Cruzeiro*, 14 ago. 1948, p. 43, 44, 46, 64 e 68.

⁷ *Ibid*, p. 43.

⁸ *Ibid*, p. 43.

⁹ *Ibid*, p. 43.

¹⁰ PEARSON, D. Hitler e Stalin negociaram a Paz. *O Cruzeiro*, 27 mar. 1948, p. 34.

às questões do fim da guerra, e em tom de denúncia, afirmava que existiriam indícios desta tentativa de acordo de paz entre os dois.

Entretanto, é interessante resgatar matéria publicada em maio de 1945, *Joseph Stalin é assim*¹¹. Nesta reportagem assinada por Harry Hopkins, apresentado como “lugar-tenente do Presidente Roosevelt”, a figura do ditador é apresentada de forma bem mais branda: “Stalin é um diplomata. Se é sempre assim como o vi naquele dia, nunca perde uma sílaba”.¹² Devemos lembrar que naquele momento a guerra caminhava para seu fim, dependendo das forças dos Aliados, inclusive a URSS. Em relação ao Hitler o autor afirmava:

Mas o ódio frio, implacável, que Stalin dedica ao ‘fueher’ era mais do que evidente, em seus olhos, em seus gestos, mais do que as palavras aparentemente calmas que me dizia, mas abrasadoras, em seu sentido. Tenho a impressão de que Stalin teria estimado poder ter Adolph Hitler em sua presença naquele momento.¹³

Apesar de não aproximar a figura de Stalin à Hitler, sugere um ódio desproporcional que teria origem na traição de Hitler, o que os faria semelhantes. “Stalin tem ódio de Hitler, ou melhor, sempre sentiu pelo ditador alemão alguma coisa mais grave que um homem pode sentir pelo mais vil dos traidores”.¹⁴

Destaca-se, assim, uma mudança de posicionamento da revista que acompanhando o contexto do pós-guerra, alterou o status da URSS (e de Stalin) para aliados contra o inimigo nazista para inimigos da democracia.

Dentre as reportagens, selecionamos algumas que ilustram nosso eixo de análise nos dois grupos anteriormente classificados, de *acusação* e de *compaixão*. O primeiro grupo de reportagens mais expressivas é o de acusação. Estas matérias buscavam denunciar o caráter perigoso e traiçoeiro do comunismo e expor fatos que revelavam um universo de mentiras e corrupção.

Entre março e abril de 1947, a revista publicou uma série de quatro artigos escritos por Louis Francis Budens, dissidente e ex-redator do *Daily Worker* (órgão

¹¹ HOPKINS, H. Joseph Stalin é assim. **O Cruzeiro**, mai. 1945, p. 27.

¹² HOPKINS, H. Joseph Stalin é assim. **O Cruzeiro**, 05 mai. 1945, p. 27.

¹³ *Ibid.*, p. 27

¹⁴ *Ibid.*, p. 27

oficial do Partido Comunista dos EUA). Na ocasião da publicação do primeiro artigo, a revista alertava seu leitor:

A reportagem que vai ler é a história secreta do comunismo, a ameaça número um que pesa sobre a paz das Américas e do mundo, escrita por um homem que durante anos foi o depositário dos segredos do alto comando comunista (...) Quando Budenz compreendeu finalmente que o comunismo era uma doutrina falsa, uma ideologia insana que o conduzia apenas à guerra de classes, ao ódio anti-religioso e ao governo das massas, não teve dúvidas em voltar-lhe as costas para regressar aos seus antigos princípios americanos¹⁵. (grifo nosso)

A defesa dos princípios americanos, como vimos, norteou também a trajetória da revista.

Outro conjunto de reportagens publicadas logo em seguida as de Budenz, são os artigos de Victor Kravchenko (1947), apresentado como “membro do Partido Comunista por quinze anos, Foi engenheiro chefe e diretor dos Trusts e Fábricas de Metalurgia e dirigiu o Departamento de guerra dos Sovietes no Corpo de Exército de Engenheiros”.¹⁶ O texto de apresentação narra que quando Victor foi aos Estados Unidos rompeu com a URSS e decidiu não regressar mais ao país comunista. A partir daí teria decidido denunciar as atrocidades do regime de Stalin no livro *Preferi a liberdade*.

A revista publicou três artigos informando ter adquirido os direitos para todo o Brasil. Nos artigos, a maior denúncia era a intenção de Stalin em preparar uma nova guerra - e sua política comprovava isso. Segundo o autor, “o principal objetivo do quarto plano quinquenal de Stalin é “assegurar maior capacidade defensiva da URSS e equipar as forças armadas da União Soviética com as mais recentes técnicas militares”¹⁷. O tom de acusação era reforçado pela revista, que inseria a legenda: “e enquanto isso as multidões, mesmo da capital soviética, ou seja, o povo tão falado pelos comunistas, sofre miséria...”¹⁸

¹⁵ Budenz, L. F. O comunismo sem máscara (preparativos para a terceira Guerra Mundial). **O Cruzeiro**, v. I, 01 mar. 1947, p. 64, 65 e 76.

¹⁶ KRAVCHENCO, V. Eu preferi a liberdade: Stalin espera dominar o mundo. **O Cruzeiro**, v. II, 19 abr. 1947, p. 40.

¹⁷ *Ibid.*, p. 40

¹⁸ *Ibid.*, p. 40. Nota-se que, como se trata de uma inserção de legenda, não aparece autoria.

Mesmo nas reportagens que *O Cruzeiro* afirmava ser um relato, “[...] com absoluto espírito de imparcialidade, limitando-se a expor e interpretar [...] um testemunho realístico e insuspeito do que é a vida na União Soviética”,¹⁹ o tom era sempre de revelação dos mais estranhos modos de vida dos comunistas. O autor destes artigos, publicados numa série de quatro edições, é o escritor John Steinbeck²⁰, que narra sua viagem à Rússia e escreveu suas impressões no chamado *Diário Russo*.

Sua “imparcialidade” podia ser percebida quando narrava seu pedido num restaurante:

Há muita demora em servir a mesa, cerca de duas horas; mas isto é fatal em todos os restaurantes russos e a razão é óbvia. Desde que tudo na União Soviética, toda transação, é subordinada ao Estado, o sistema burocrático domina todas as coisas. Assim, o garçom, quando recebe uma ordem, toma nota de tudo cuidadosamente num talão; mas não vai direto à cozinha para aviar. Procura, imediatamente o encarregado do estoque, este emite um novo talão que é apresentado a cozinha. O chefe da cozinha recebe o talão e emite outro, requisitando do despenseiro a comida pedida; o garçom recebe, por fim o prato servido mas ainda não o leva à mesa, tendo ainda que procurar o encarregado do estoque para que este de baixa nos seus levantamentos, entregando-lhe outro talão relacionando a quantidade e espécie da comida requisitada e servida. Só então é que os clientes podem iniciar a sua demorada refeição.²¹

Entretanto, sempre com o propósito de denunciar os perigos do comunismo, as notícias sobrecarregavam em revelações bombásticas e estarrecedoras. Em 17 de abril de 1948, Drew Pearson anuncia os motivos que levaram o Presidente Truman a dirigir-se ao Congresso:

Motivo nº 1 – Notícias de que os russos fazem planos para a guerra bacteriológica. Afirma-se que os cientistas soviéticos descobriram dois novos tipos de vírus, um deles para exterminar o gado e o outro para propagar epidemias entre os seres humanos.²²

¹⁹ STEINBECK, J.; CAPA, R. *Diário Russo I. O Cruzeiro*, v. I, 06. Mer. 1948, p. 51.

²⁰ John Steinbeck é o escritor do romance *As vinhas da Ira*, de 1939, obra pela qual ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1962. A obra relata os efeitos da depressão econômica de 1929 numa família de fazendeiros do interior de Oklahoma.

²¹ *Ibid.*, p. 52

²² PEARSON, D. Os russos preparam a guerra total. *O Cruzeiro*, 17 abr. 1948, p. 32.

O medo foi, por muito tempo, a arma que enfatizava os perigos e ameaçava a paz do Ocidente. *O Cruzeiro* se especializou em captar e redobrar os medos. Prevalencia a lógica de que uma população com medo trás mais segurança, porque impede o desenvolvimento de ideias perigosas e desconhecidas. Era a crença de que o medo conduziria as pessoas ao caminho correto. Fosse o medo de uma nova guerra ou da invasão dos comunistas, ou ainda, uma possível contaminação ideológica, a *ameaça comunista*.

Uma das mais longas reportagens publicadas pela revista narra as “aventuras” da professora Oksana Kosenkina, que revelava sua trajetória para fugir da União Soviética. Na primeira edição, o artigo foi escrito por John Hightower (1948), que narra o caso: uma professora russa que se encontrava no Consulado Soviético, em Nova York, havia se atirado do terceiro andar do prédio para lutar “pela liberdade de viver onde bem entender”.²³ A revista, como de costume, utilizou as legendas das fotos e o subtítulo para “melhor explicar” o fato:

Desprezando o paraíso de Stalin, a professora Oksana Stepanovna atira-se de um terceiro andar para fugir aos comunistas em New York. O Professor Ivanovitch Samarin pede proteção a polícia. Um caso político internacional de larga repercussão – Como se faz a história [...]²⁴

O texto ainda explicava que a família inteira, o marido, o Professor Ivanovitch Samarin e seus dois filhos nascidos nos Estados Unidos estavam sobre proteção dos “russos brancos anticomunistas”. O assunto foi o mais explorado pela revista, sendo publicado no período compreendido entre setembro de 1948 a fevereiro de 1949, sob o título *O salto para liberdade*.²⁵ Na edição de 06 de novembro de 1948, foi publicado o texto de Alessandra Tolstoi, filha de Leon Tolstoi, que iniciava o texto apresentando a professora:

²³ HIGHTOWER, J. O salto para liberdade. *O Cruzeiro*, 04 set. 1948, p. 20.

²⁴ *Ibid.*, p. 20

²⁵ Vale salientar que não são em todas as edições da matéria que o título original aparece, o que causou muita dificuldade para localização de todas. Em algumas edições o subtítulo aparece no índice da revista, mas não o título original. Além disso, as matérias não foram publicadas sequencialmente, mesmo aparecendo ao fim de cada texto: “(continua na próxima semana)”, em alguns momentos pulavam-se várias edições, reaparecendo aleatoriamente semanas depois.

“Quem é a Professora Kosenkina? Apenas uma de 180 milhões de almas russas que conseguiu fugir a escravidão, o que demonstrou ao mundo a diferença entre o povo russo e os seu rude e ditatorial governo”.²⁶

O *Cruzeiro*, a primeira de fotorreportagens do Brasil, ao estilo Time e Life, publicou diversas fotos ilustrativas sobre os acontecimentos com a professora: primeiro, uma foto da professora deitada no leito do hospital, onde ficou internada após se jogar do terceiro andar do consulado, vem com setas indicativas no seu corpo de todas as consequências do ato: hemorragias, fraturas e contusões. Depois, a foto do prédio com uma seta indicativa da janela em que ela se jogou até o local da queda e a explicação de que “quando ela caiu, o fio telefônico acompanhou o seu tombo”²⁷, e isso a salvou. Nesta mesma edição começou a publicação dos textos escritos pela própria professora narrando sua vida e seus temores.

Em 20 de novembro de 1948, outra matéria do mesmo tema saiu com o título (em caixa alta) *COMUNISMO – TORTURAS DE CONSCIÊNCIAS*²⁸. O texto era precedido por uma foto de página inteira da professora com aspecto feliz, sorrindo e bem arrumada, bem diferente das edições anteriores. A narrativa desta vez recaía sobre o sistema educacional e o controle do regime soviético. No subtítulo a revista alardeava:

Nesses capítulos a Sra. Oksana Kosenkina, a professora que preferiu correr o risco da morte a voltar para o ‘paraíso’ moscovita, prossegue a sua narrativa das perseguições sofridas por seu marido sob a ditadura soviética. Conta ela a história de como o comunismo chegou aos colégios, como os professores foram aterrorizados e como o país viu-se cheio de crianças selvagens e vagabundas.²⁹

A preocupação incidia em como o comunismo utilizava a educação como instrumento ideológico e o resultado disso era apresentado de forma assustadora. Professores perseguidos, presos e mortos, alunos transformados em comunistas perversos, selvagens e assassinos. Em todas as apresentações dos textos, *O Cruzeiro*

²⁶ KOSENKINO, O. O salto para Liberdade. *O Cruzeiro*, 06 nov. 1948, p. 48.

²⁷ *Ibid.*, p. 48

²⁸ KOSENKINO, O. O salto para liberdade IV: Comunismo – Tortura de Consciências. *O Cruzeiro*, 20 nov. 1948, p. 47.

²⁹ *Ibid.*, p. 47

apresentava aquele cenário como possível para qualquer lugar que deixasse o comunismo penetrar com suas artimanhas e astúcias.

O outro grupo de reportagens assume a classificação, por nós estabelecida, da *compaixão*, como forma de denúncia sobre o comunismo soviético. Através da miséria e sofrimento do povo, normalmente enfocando mulheres e crianças, revela-se as tristes condições das pessoas sob o regime comunista. É o caso da reportagem sobre o crescente aumento de imigrantes europeus que chegavam ao Brasil.

Na reportagem de Arlindo Silva, a imigração é vista como uma “dádiva”, pois o Brasil precisava de trabalhadores. O texto indicava a chegada de trezentos imigrantes, no entanto, apontava-se que existia uma falta crônica de trabalhadores para a lavoura “de algumas centenas de milhares de homens”. Os italianos não estavam chegando, segundo o jornalista, porque a Itália era um país arrasado depois da guerra e o Estado não tinha como financiar a viagem de quem precisava trabalhar.

Dessa forma, os imigrantes que chegavam aqui eram as “vítimas dos Russos”, que conseguiram esse “benefício” através do convênio firmado entre o governo brasileiro e o Comitê Intergovernamental de Refugiados. A matéria rica em fotos dos imigrantes foi distribuída por toda a revista, nas páginas 58, 59, 60, 61, 62, 80, 84 e terminando na página 6.³⁰ Assim, à medida que o leitor folheava a revista, apareciam novas imagens. Mulheres e crianças apareciam em abundância, comendo sorrindo, escovando os dentes, dormindo sempre acompanhadas de dizeres que indicavam a felicidade, pois de “tão familiarizados com as misérias humanas, que lhes deve ter parecido uma encantadora excursão a viagem de vinte horas que fizeram do Rio até Campo Limpo num trenzinho especial da Central do Brasil”.³¹

Na primeira foto da reportagem, a legenda indicava, segundo o jornalista, a fala dos imigrantes ucranianos que dava título a matéria:

ASSIM COMEÇA UMA NOVA VIDA – Um olhar ligeiro para o velho mundo e um voto de confiança para o futuro nas terras livres da América. ‘Nós acusamos os russos’, dizem os primeiros imigrantes ucranianos que chegaram ao Brasil, fugindo da zona de influência soviética, onde a vida é praticamente insuportável.³² (grifo nosso)

³⁰ Na página 60 é indicado que a continuação da matéria é na página 64, quando de fato foi publicada na página 62. Na página 64 a reportagem é sobre a bomba atômica.

³¹ SILVA, A. “Nós acusamos os Russos!”. **O Cruzeiro**, 28 jun. 1947, p. 62.

³² *Ibid.*, p. 59

A denúncia da miséria e dos horrores a que aquelas pessoas estavam submetidas no regime soviético ganha mais legitimidade ao ser sustentada por diversas imagens e legendas. A fotorreportagem tinha como principal objetivo a explicação e comprovação do fato narrado. Naquele momento, para *O Cruzeiro*, qualquer situação era pretexto para apresentar as desvantagens e perigos do comunismo.

*Por trás da Cortina de Ferro*³³ é outra reportagem que tem como objetivo central expor as tristezas e a infelicidade de se viver sob o regime comunista. No primeiro texto, se apresenta os assuntos que seriam tratados:

O tacão do Kremlin pisa novos países – Império do terror imposto pelo KNVD – As finalidades da ocupação – Greves resolvidas a metralhadora – Inexistência de profissões liberais – E os povos sofrem sem esperança de contra-revolução libertadora.³⁴

Destaca-se do excerto acima, o mesmo mecanismo encontrado regularmente na revista. Os assuntos sobre o comunismo soviético são apresentados como o causador do sofrimento de um povo submetido ao regime violento e autoritário. As condições a que estas pessoas estão submetidas devem ser anunciadas para que este perigo não venha ameaçar a segurança da democracia dos povos do Ocidente.

Assim, “para compreender o stalinismo, é preciso tê-lo vivido”.³⁵ Destacamos esta reportagem por ser a primeira vez que encontramos o termo *stalinismo* como o sistema causador de toda miséria humana denunciada. Tal mudança, conforme podemos apurar na sequência da pesquisa, significou uma mera troca de expressões, não indicando uma alteração de sentido ideológico que norteava a revista. Noutras palavras, isso não significou uma diferenciação entre *comunismo* e *stalinismo* que continuaram sendo sempre retratados na revista como sinônimos.

Alguns povos são elogiados pela sua resistência aos russos. Como podemos verificar, por exemplo, numa foto de página inteira, na qual a legenda indica o orgulho dedicado aos búlgaros: “O herói búlgaro Alexander Stamboliiski é glorificado no

³³ FRANK, N. C. Atrás da “cortina de ferro” I. *O Cruzeiro*, 09 out. 1948, p. 49.

³⁴ FRANK, N. C. Atrás da “cortina de ferro” I. *O Cruzeiro*, 09 out. 1948, p. 49.

³⁵ *Ibid.*, p. 49

túmulo pelo líder agrário Trakov. Os sentimentos tradicionais dos búlgaros tem impedido, maior domínio dos russos sobre a Bulgária”.³⁶

Um outro grupo de matérias muito recorrente na revista é sobre a Igreja Católica. No Brasil, a Igreja teve sempre um papel marcadamente anticomunista. A hierarquia eclesiástica manteve por muito tempo sua tradicional posição conservadora e atuou em diversas frentes para manter sua influência, principalmente a partir de 1930.

As décadas de 20 e 30 no Brasil foram marcadas por grandes agitações políticas, bem como pela estruturação de novas formas de organizações sociais e econômicas, além do crescimento significativo dos trabalhadores. Em 1922 surge o Centro Dom Vital fruto do trabalho dos intelectuais ligados à Igreja e que há muito vinham assumindo um importante papel de difundir os valores católicos às famílias de classe média brasileiras. (MENDES, 2002, p. 40)

A Igreja Católica passou por várias fases diferentes desde o começo do século XX no Brasil, na tentativa de se ajustar às novas realidades, à modernização e à industrialização do país. A primeira iniciativa nesse sentido foi à criação da Ação Católica e seus grupos especializados, vinculando os leigos através de um compromisso com a Igreja. Também podemos observar a demonstração de força e poder sobre a sociedade através das grandes concentrações de multidões católicas, prática até hoje difundida.

Em maio de 1931, observa-se a primeira demonstração de força através de uma grande manifestação popular que proclamou Nossa Senhora Aparecida, a padroeira oficial do Brasil.³⁷ No mesmo ano, outra grande demonstração é a inauguração da estátua do Cristo Redentor, na cidade do Rio de Janeiro.³⁸ Uma estratégia de permanência foi o próprio anticomunismo, corroborando com a política estadunidense do pós-guerra e travando alianças com partidos conservadores.

Nesse sentido, *O Cruzeiro* deu amplo espaço para divulgação dos preceitos católicos como a melhor forma de combate contra o comunismo ateu e imoral. Jean

³⁶ FRANK, N. C. Atrás da “cortina de ferro” II (Resistirá Berlim a pressão de Moscou). *O Cruzeiro*, 16 out. 1948, p. 44.

³⁷ Esta ação foi vista como a mais importante manifestação da Igreja brasileira no intuito de recuperar os fiéis, interpretada por muitos autores como uma ação para recristianização do país. Estima-se que 1 milhão de pessoas acompanharam a festividade. Sobre esses dados ver BEOZZO, 1984; DAMIÃO, 1998.

³⁸ Inaugurada no dia 12 de outubro de 1931, a estátua buscava representar Cristo como imperador do Brasil, justamente no dia da padroeira do país.

Manzon, após realizar a matéria citada no item anterior sobre a falta do Presidente Roosevelt, foi responsável por uma reportagem fotográfica com o perfil do Cardeal Francis Spellman, Arcebispo de Nova York. Visto como o mais importante expoente católico anticomunista dos Estados Unidos, a reportagem destaca a possibilidade (e a crença americana) de que o Cardeal seria nomeado como o próximo Papa. A reportagem se baseava na explicação lógica do confronto com a grande ameaça que atormentava o mundo e terminava questionando:

Quando há temores de que a divisão do mundo em 2 partes possa por em perigo o Estado do Vaticano, o Supremo Pontífice para salvaguardar a estabilidade do papado em Roma, vê a possibilidade de transferir a Santa Fé para uma país que hoje graças a Spellman é a maior força católica do mundo e nada melhor justificaria e explicaria esta transferência do que um papa do Novo mundo. E é por isso que a comunidade católica em todos os continentes pergunta: SPELLMAN, O FUTURO PAPA?³⁹

A partir do trecho acima, podemos depreender que os Estados Unidos, modelo incontestável de democracia e capitalismo, também o é em virtude do Cardeal estadunidense, a maior força católica contra o comunismo.

A reportagem destacava que, para Spellman, a única forma de “resistir à avalanche comunista” era através do cristianismo, e não através das armas. Uma foto do Cardeal junto ao Cardeal francês Eugène Tisserand foi publicada com a seguinte legenda: “O príncipe da Igreja na América do Norte, reuniu, sob a bandeira do anti-atéismo, os católicos de velho e do novo mundo”.⁴⁰

Em março de 1947, a revista publicava parte de um sermão do cardeal realizado na Catedral de São Patrício, em New York:

Nunca deixarei de pedir a Deus que nos de forças para lutar contra o comunismo e contra todas as forças do mal, arrancando-as pela raiz, pois estou convencido de que ‘rebelar-se contra os tiranos é obedecer a Deus’.⁴¹

³⁹ MANZON, J. Spellman – o futuro papa? **O Cruzeiro**, 26 jul. 1947, p. 06.

⁴⁰ Ibid., p. 09

⁴¹ MACIEIRA, R.; MEDEIROS, J.; KEFFEL, E. O novo Mártir de Cristo. **O Cruzeiro**, 05 mar. 1949, p. 90.

O trecho do sermão faz parte de ampla matéria publicada⁴² na revista sobre o caso da condenação do cardeal Josef Mindszenty, da Hungria, pelo Tribunal do Kominform. A notícia foi apresentada como, "[...] a odiosa condenação do primaz da Hungria pelo tribunal comunista de Budapeste que levanta clamor de revolta, no Brasil e no mundo católico – A gigantesca mobilização do Rio – Martírio de um apóstolo da cristandade".⁴³

Apesar do anúncio da “majestosa mobilização no Rio”, as fotos mostram closes fechados de mulheres ou religiosos, ou ainda, uma enorme foto com imagem estourada e distorcida, vista de cima, que faz alusão a um grande aglomerado de guarda-chuvas. Difícil distinguir.

Na mesma edição, o editorial de J. Rego Costa explica o processo contra o Cardeal húngaro acusado de “[...] sob o falso pretexto de prática de câmbio negro, sabotagem do plano de reformas agrárias da Hungria, conspiração com a casa de Habsburgo, espionagem e convivência com os Estados Unidos”⁴⁴

Ao final do texto, o jornalista conclamava a comunidade católica a lutar contra o mundo perverso, devasso, imoral e desordeiro. O autor aponta que o mundo vivia num momento crucial de escolhas e caminhos e, só o mundo cristão, com o uso da “cruzada da palavra”, poderia enfrentar os lobos. O Cardeal Mindszenty é comparado a Cristo e Joana D’Arc, porque mártires⁴⁵ são “estimulantes por excelência da fé cristã” e sua prisão perpétua teria o sentido de símbolo contra os comunistas. O governo soviético era apresentado como “frio e sádico” porque o “Olho de Moscou observa cinicamente a lenta agonia do povo cristão”.⁴⁶

A construção do imaginário anticomunista impunha a necessidade de oposição entre os valores cristãos e os valores do comunismo: bondade e crueldade; moralidade e devassidão; fatura/oportunidade e miséria; bons princípios e maus valores; honestidade e corrupção; fé e ateísmo; comunistas cruéis e pessoas generosas. Investia-se no maniqueísmo.

⁴² Esta reportagem se encaixa na estratégia de distribuição da matéria por toda a revista para forçar o leitor a ver toda a revista e seus anúncios. Esta reportagem foi publicada nas páginas: 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 6, 74 e por fim, 90.

⁴³ Ibid., p. 12.

⁴⁴ COSTA, Rego J. O Cruzeiro, 05 mar. 1949, p.04.

⁴⁵ Daí o título da matéria citada anteriormente “O Novo mártir de cristo”.

⁴⁶ Ibid., p. 4

Quatro meses depois da matéria citada, *O Cruzeiro* publicava um texto do próprio Cardeal Spellman sob título (e subtítulo): *O Papa Pio XII ordena a Guerra ao Comunismo* – Defendendo todos os povos perseguidos da terra, protestantes, judeus e católicos, o Papa se empenha numa cruzada espiritual contra as filosofias ateístas da Rússia Comunista”.⁴⁷

O Cardeal explicava que a “cruzada” não precisava de armas nem de exércitos, pois tratava-se de vencer o mal através da justiça, verdade e sabedoria e libertar os povos escravizados sem opção de escolher outra vida e o caminho correto. O texto remetia o leitor novamente ao sacrifício do Cardeal Húngaro e utilizava a metáfora do vermelho como sangue derramado dos cristãos. Apontava ainda que esse era o objetivo maior dos comunistas, “não apenas o extermínio da Igreja ou de qualquer poder terreno. Os comunistas procuram destruir do coração do homem a fé em seu deus”.⁴⁸

No entanto, afirmava o cardeal que não existia ateísmo que pudesse vencer o Santo Padre. A bondade, piedade e humildade eram os instrumentos de Deus contra o perigo vermelho.

Essa tendência de eleger o Papa como elemento poderoso e agregador do mundo cristão é reforçada com a publicação, em 1950, de uma série de reportagens com o sugestivo título *VATICANO versus KREMLIN*. A autoria de Spellman é anunciada como a grande qualidade da reportagem, pois conferia veracidade e imparcialidade:

Os artigos tem ainda mais valor se levarmos em conta a isenção de ânimo do seu autor: o jornalista norte-americano John P. McKnight é um presbiteriano da Carolina do Norte. Ele vê o Papa e o catolicismo com reverência, mas permanece um observador externo, o que lhe dá ângulos dos mais interessantes e inéditos no estudo da política do Papa e do Vaticano⁴⁹.

Uma foto do Papa em página inteira abre a matéria e tem como legenda a afirmação: “Papa Pio XII – 423.000.000 de aliados em potencial”.⁵⁰

O mundo cristão unido, portanto, foi apresentado como forma contundente e eficaz de combater o comunismo. Assim, a revista investia nas mais diferentes formas de divulgação do cristianismo. Nesta mesma edição de maio de 1950, saiu o artigo sobre

⁴⁷ SPELLMAN, Cardeal. F. O Papa Pio XII ordena a guerra contra o comunismo. **O Cruzeiro**, 16 jul. 1949, p. 37.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 38

⁴⁹ KNIGHT, J. M. O Vaticano versus Kremelin. **O Cruzeiro**, 13 mai. 1950, p. 67.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 66

O primeiro sacerdote do Brasil – Frei Henrique de Coimbra – sua vida e obra escrito por Gustavo Barroso, da Academia Brasileira de Letras e Diretor do Museu Histórico. O artigo foi ilustrado com o detalhe da pintura da Primeira Missa do Brasil, de Cândido Portinari.

Concomitantemente a esse movimento de eleger o catolicismo como elemento fundamental na luta contra o regime soviético, a revista confirmava a necessidade do combate em vista da penetração dos comunistas no Brasil. Em matérias como *Desordens Comunistas no Brasil*, assinadas por Drew Pearson, se anunciava “sérias dificuldades no Brasil dentro de poucos meses”,⁵¹ tendo em vista, segundo ele, a organização dos comunistas que, depois da ilegalidade, fazem planos para grandes demonstrações públicas de força contra o governo Dutra.

No mesmo mês, *O Cruzeiro* trouxe uma ampla matéria intitulada *Em São Paulo a Internacional Comunista*⁵², que denunciava a ligação do partido posto na ilegalidade com o bloco internacional que visa “subverter a ordem do mundo”. Entre acusações e explicações dos mecanismos usados pelos comunistas, o texto indicava que se “foi legítima nossa revolta diante da brutalidade alemã, não menos legítima pode ser hoje a nossa inconformidade com a tática russa de infiltração na vida dos povos”.⁵³

São infundáveis os exemplos de reportagens que buscavam comprovar que o perigo comunista rondava as portas do Brasil (e América Latina) e que se fazia necessário reforçar a atenção e o combate. Apesar da atenção dada pelos EUA a Europa, onde se acreditava que o perigo era iminente, os jornalista alertavam para a necessidade do cuidado com a América Latina principalmente com países com tendência ao anti americanismo como a Argentina de Perón. Apesar do Brasil ser considerado um potencial aliado, tal como Chile, era preciso cuidado.

No final de 1949, uma série de reportagens sobre a infiltração dos comunistas nos Brasil foram publicados com vários títulos diferentes a cada semana: *Confissões de um espião soviético*, em 10 setembro; *O PODER, o objetivo final*, em 17 de setembro; *Agentes do Cominform em São Paulo*, em 24 de setembro; e, finalmente, *Insurreição dos trabalhadores rurais*, em 1 de outubro de 1949.

⁵¹ PEARSON, D. Desordens comunistas no Brasil. *O Cruzeiro*, 03 jan. 1948, p. 24.

⁵² MANZON, J. Em São Paulo a Internacional Comunista: o Kominform em Belgrado conspira contra a liberdade do mundo. *O Cruzeiro*, 31 jan. 1948, p. 9.

⁵³ *Ibid*, p. 9.

Na primeira matéria, o jornalista Arlindo Silva afirmava ser assustador o conjunto de documentação em poder do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) sobre as atividades dos subversivos vermelhos. Justificava que São Paulo era mais visada por ser o Estado mais industrializado e, por consequência, reunia o maior número de trabalhadores, por isso, “campo preferido pelos escravos de Moscou para sua campanha de agitação”.⁵⁴

Na segunda reportagem afirma-se que o objetivo dos comunistas foi descoberto com a prisão, em junho de 1949, de Jorge Herlihan Filho, membro do Partido Comunista. Essa documentação indicava que a chamada “Campanha da Paz e do Petróleo era organizar a massa para um futuro levante como o de 35”.⁵⁵

A terceira narrava a infiltração de espões russos, lituanos e iugoslavos, todos atuantes no Brasil. O Congresso de Belgrado teria sido, segundo o texto, promovido falsamente para “congragar os povos eslavos”, mas de fato foi “uma assembléia geral do Kominform”.⁵⁶ Numa foto com vários homens, aparece a legenda:

Em São Paulo, o Padre Dimitri Tkatchenko, da Igreja Ortodoxa Patriarcal de Moscou, Tinha uma Igreja na Vila Zelina, bairro paulista, onde pregava, em russo, a doutrina comunista. Mais um agente de Moscou no Brasil.⁵⁷

E por fim, a última matéria da série denunciava de forma sensacionalista, um enorme complô montado no interior de São Paulo para organizar os trabalhadores rurais. A narrativa em tom policial anunciava a:

Organização e politização dos homens simples do campo, visando a formação de ‘Ligas Camponesas’ – A revolução deflagrada no sertão paulista, para tomar a cidade de Fernandópolis, matar o prefeito e o presidente da Câmara, saquear os bancos e repartições e marchar para São Paulo.⁵⁸

Destarte, a partir das análises das reportagens aqui apresentadas, impõe-se a conclusão de que o processo contínuo de ataque ao mundo comunista fazia parte de um

⁵⁴ SILVA, A. Confissões de um espão soviético I. **O Cruzeiro**, 10 set. 1949, p. 79.

⁵⁵ SILVA, A. O poder: o objetivo final II. **O Cruzeiro**, 17 set. 1949, p. 69.

⁵⁶ SILVA, A. Agentes do Cominform em SP III. **O Cruzeiro**, 24 set. 1949, p. 51.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 52

⁵⁸ SILVA, A. Insurreição dos trabalhadores rurais. **O Cruzeiro**, 01 out. 1949, p. 69.

projeto consciente e articulado pela revista. *O Cruzeiro* manteve sua postura ofensiva e construiu um discurso denunciando sistematicamente as misérias e horrores promovidos na URSS em conformidade com as regras da Guerra Fria. Em contrapartida, a revista se esmerou, com sucesso, em promover o *American way of life* e a aliança com o capital estadunidense como projeto de modernização do Brasil pós guerra.

Referências Bibliográficas:

1. Fonte Consultada

Revista O Cruzeiro – 1945 a 1950 – (Acervo Completo: Biblioteca e Centro de Documentação do Museu de Arte de São Paulo - MASP)

2. Obras Completas:

BANDEIRA, L. A. M. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de História)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

BEOZZO, José O. *Cristãos na Universidade e na Política*, Vozes, Petrópolis, 1984.

BETHELL, L; ROXBOROUGH, I. *A América Latina entre a Segunda Guerra e a Guerra Fria*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CAPELATO, M. H. R. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

DAMIÃO, D. Farias. *Em Defesa da Ordem: Aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*, Hucitec, São Paulo, 1998.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

LEUCHTENBURG, William E. (org), *O Século Inacabado – a América desde 1900*, RJ: Zahar Editores, 1976. volume I e II.

LOBATO, M. *América*. 9ª Ed., São Paulo: Brasiliense, 1959.

MENEGUELLO, C. *Poeira de estrelas: O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

MORAIS, F. *Chatô: o rei do Brasil – a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTTA, Rodrigo Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*, São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

NETTO, A. *O império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

PECEQUILO, C. S. *A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?* Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PEREGRINO, N. *O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

SCHILLER, H. *O império norte americano das comunicações*. Tradução Maria Lúcia Halliday. Petrópolis, Vozes, 1976.

TOTA, A. P. *O Imperialismo Sedutor*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2009.

3. Artigos de Revista

BARBOSA, M. *O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira*. Ciberlegenda, nº 7, 2000. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/maria16.htm>. Acesso em: 03 abril 2015.

BASTOS, P. P. Z. *O presidente desiludido: a campanha liberal e o pêndulo de política econômica no governo Dutra (1942-1948)*. In: História econômica e História de empresas VII, 2004, p. 99-135, Disponível em: <http://www.portaideias.com.br/clientes/hbphe2/images/stories/Bastos>. Acesso em 04 abril 2015.